CMP 1.2.2.19

Artes e Letras

AMADEU AMARAL

A data de 24 de outubro assinalou a passagem de mais um aniversário da morte de Amadeu Amaral, o Grande Poeta que Capivarí deu ao Brasil. A efeméride, como não poderia deixar de acontecer, traz sempre uma névoa de tristeza e de saudade ao povo da terra natal do autor de "Lampada Antiga", e especialmente àqueles que tiveram a felicidade de conhecer de perto a sua figura superior e serena. Principalmente como poeta, no entanto, é que Amadeu Amaral se destaca na história da literatura brasileira. A sua obra em verso, composta de poucos volumes, apresenta-nos, sem dúvida alguma, um conteúdo dos mais invejáveis: riqueza de pensamento e técnica apurada. Não foram muitos os poetas brasileiros que se familiarizaram com os segredos do verso, como se deu com o autor de "Urzes". Evidentemente que a sua personalidade não teve a projeção devida no cenário da inteligência nacional. Há mesmo por aí uma porção de livrecos didáticos que não tocam sequer no seu nome ou fazem referências à sua obra de poeta, crítico e jornalista. Existe uma razão bem simples para tudo isto: Amadeu Amaral foi um homem humilde e sem quaisquer pretensões, chegando até os seus amigos mais íntimos a chamá-lo de Santo Amadeu. E outro tratamento não poderia ser dispensado a quem pensou que "no silêncio do espírito contrito, alto mistério germinal se opera". Não nos compete nesta breve nota analisarmos com detalhes a figura exponencial de Amadeu ou o valor irrefutável de sua obra, tarefa essa levada a cabo de maneira brilhante por Amadeu Amaral Júnior, Guilherme de Almeida, Sud Mennucci, Fernando de Azevedo, Manoel Cerqueira Leite e tantos outros. A data de 24 de outubro, pois, tem algum significado para a população de Capivari e àqueles que foram amigos de Amadeu: nesse dia trio, irmanados num só alma e num pensamento apenas, prestam um culto de respeito e admiração à memória do Grande Poeta que soube ao mesmo tempo ser Artista e Homem.

A. J. Hermenegildo Filho

Conta Amadeu Amaral Júnior que Amadeu, avêsso a cerimônias, levou, para ajudá-lo na posse como membro da Academia Brasileira de Letras, o seu amigo Paulo Duarte. Como não tinha espadim acadêmico, tomou emprestado o de Goulart de Andrade, e conta-se que disse, na caceteação de envergar o fardão: — "Imagine, seu Paulo! Tanto trabalho para se conseguir uma imortalidade temporária..."

Do florilégio de Amadeu Amaral

HUMILDES, ISTO E', LÚCIDOS

Sêde, pois, bem humildes e discretos.
Não olheis ao pecado como sói
a parva hipocrisia, a dar-se aspetos
de quem de um caso original se dói.

Há uma alma universal, filhos diletos.
E uma água que alimenta e que destrói;
aquí se alarga nos açudes quietos,
além, cristal fervente, as pedras rói.

Vontades belas, traças hediondas
brotam das mesmas inconstantes ondas,
como a espuma e a salsugem das marés.

E o santo, que fulgura, está mais rente
do condenado que a mediana gente...
Ambos rompem caminho de revés.

PALAVRAS, NEM SEMPRE AS LEVA O VENTO

Manda o costume devolver o insulto
com outro insulto igual, senão melhor.
Não procedais assim, que é baixo e estulto.
Temeis o mal? Pois evitai o pior.

Cada palavra que dizeis de vulto,
como o som de um violino anda em redor,
depois de vos revoar no ser oculto,
por onde a ressonância a fez maior.

O violino, porém, não se recorda
do som que um dia lhe vibrou na corda,
e o vosso coração fica a fremir;

e, às vêzes, a palavra, além, se esquece,
enquanto em vosso peito permanece,
como pedra que a um lago foi cair.

INTEGRAÇÃO

O Mundo é um grão de pó sôlto no espaço.
E, nesse grão de pó, que somos nós?
Soluço que se esvai, tremente e lasso,
e que nem sempre se transforma em voz!

Podeis, porém, sem custo nem cansaço,
ampliar-vos num surto alto e veloz,
vendo o Universo, num momento escasso,
todo o Infinito lampejando em vós.

Quando as plumas tenhais vós distendido,
— a asa do grande sonho gemebundo,
a asa do pensamento — e a alma subir,

gemido! podereis ser um gemido
dos próprios Tempos e do próprio Mundo,
na maldição e saudosa do existir.

AMADEU AMARAL

"Amadeu Amaral foi, acima de tudo, um grande poeta, glória da lingua portuguêsa e do continente americano. Mas foi ilustre tambem como ensaista, como folclorista, como filólogo e jornalista. A Academia Brasileira de Letras elegeu-o para a vaga de Olavo Bilac. A Academia Paulista de Letras, que lhe deve seu ressurgimento, fê-lo seu presidente. E, como cidadão, foi um alto exemplo pela elevação de seu pensamento, pela santidade do seu coração, pelo fôgo do seu civismo e pela pureza de seu caráter".

(Do projeto apresentado na Assembléia Legislativa do Estado, concedendo auxilio para ereção da herma a Amadeu Amaral, em Capivari).

A BONDADE DE AMADEU AMARAL

(Para o "Correio Popular")

— Dante Alighieri Vita —

"A vida é curta e não vale a pena ter ódios"
Verso muitas vêzes repetido por Amadeu Amaral

Guilherme de Almeida, em seu discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras, querendo ilustrar o conjunto repousante e fecundo a que chegara a poesia naquêle instante, refere-se à sombra natural, e serena e íntegra de uma arvore de que Gonçalves Dias fôra a rama, Olavo Bilac a Flôr e Amadeu Amaral o fruto.

Homem tímido, delicado e solitário, diz Agripino Grieco, Amadeu Amaral celebra às emoções sutis da alma, e da natureza distinguia tão somente aspéctos amaveis. Diria, às vêzes, nos seus versos faltava-lhe um pouco mais de calor, de paixão. Era, porém, sempre de grande suavidade e singelos quanto à rima, reluzindo, não raro, no meio de uma tenue claridade filosófica, com irrisões de dúvida e inquietação:

"Ouve: o afeto melhor é um
Que abre ao passante um seio
como aurora
amplo e desempedido.
Não é um fruto qualquer, mal
amadurecido,
Que se colhe e se guarda a ver
se amadurece.

Muita vêz o mais alto é o que
não se oferece,
E, desejando esperar, e foge si
é seguido.
Nunca te perdoarei não teres
compreendido
O coração que se calou mas
não esquece.

Tiveste-o a palpitar longo tempo a teu lado
E êle embalde esperou, com
sorriso entre dores
Como um jacto de sol num arvoredo escuro

E não quizeste abrir êste jardim fechado...
E passaste a colher depressa
as pobres flôres,
Que de alcance da mão pendiam sôbre o muro".

O nome do soneto é "Jardim fechado". O estilo era nêle o reflexo do seu coração, que foi sempre simples e correto. Foi poeta de emoção disfarçada, de fina e delicada subjetividade — diz Silveira Bueno.

Para Ricardo Gonçalves, Amadeu Amaral possui, alem do talento literário, uma cousa bem pouco vulgar que é a absoluta inteireza de carater. Monteiro Lobato dizia que levava tudo a sério, nada dizia por amor do efeito momentâneo. Falar para êle, era o meio de lealmente expor o que pensava e sentia e mais adiante continua: Amadeu Amaral era circunspecto, melancolico e resignado e sempre com a vida aperreada... Não sabia subir... tinha repulsa orgânica pela prostituição de subir.

AMADEU AMARAL

Alma sensitiva demais". E numa outra passagem, continua o autor de "Urupês": era um cérebro de pensador poetico... Fisicamente belo, mas sem dar a impressão de que o sabia. Aqui em São Paulo, Amadeu marcou época".

Romântico no seu primeiro livro de versos "Urzes", traçado de "caminhos ásperos, onde os pés dilacerados, vão deixando longas estrias de sangue", Amadeu Amaral foi tambem parnasiano, amante da verdade e da observação psicológica em "Espumas", onde apresenta paralelamente lindos quadros descritivos, revelando-se ainda investigador paciente e quase isolado no apaixonado estudo "Dialeto Caipira e no folclore paulista de "A Poesia da Viola", no esfôrço de emancipar pela raiz da lingua e da nossa tradição popular a nossa arte que lhe parecia muito "europeizada". Nossos movimento literários não deviam ser simples reflexos longinquos e tardios e nem sempre diretos sequer de outros movimentos genuinos e originais lá da Europa.

Não tolerando, às vêzes, o limite estreito do soneto, revoltava-se com o nome de parnasiano, embora, não raro, afloram as caracteristicas essenciais de fundo e de forma do parnasianismo. Melhor seria chama-lo de neo-parnasiano, modalidade literária que encontra ressonância tambem em Olegário Mariano, Menotti del Picchia, Afonso Schmidt e Cleomenes de Campos.

O ensaista de "O elogio da mediocridade" nos melhores momentos — diz Agripino Grieco — a sua fronte era de um pensador que queria aclarar o problema do destino. Para Silveira Peixoto: êle era uma bela organização moral". Trazia nalma, ainda, a simplicidade provinciana da gente de Capivari.

A par com a poesia suave e contemplativa de "Névoa", a par do ritmo do coração bonissimo de "Lámpada Antiga" vinha de permeio a nova poesia: a poesia do amor universal, do amor capaz de redimir.

"Só pelo amor a triste humanidade
(Se algum dia tiver de se remir)
Redemira será".

Hoje como ontem! Não será o tanque que irá esmagar o nosso filho, criado com tanto carinho; não será a metralhadora que irá perfurar o fisico do moço cheio de vida: não será a bomba atômica que irá esterilizar a vida: que há — de remir os homens! Não será o gozo de lucro de alguns fabricantes de armas que há — de tornar a maioria mais feliz!

Vindo para a capital bandeirante ainda quase adolescente, Amadeu Amaral se inicia no "Correio Paulistano", pertencendo a seguir às redações da "Platéia", do "Comércio de S. Paulo", passando-se para o "Estado" como redator-chefe. Transferindo-se para o Rio em 1921, dirige a "Gazeta de Noticias", volta de novo para S. Paulo, ocupa o posto no "Estado" e, logo, passa a dirigido "Diário Nacional". Nunca se abaixou para subir, com êle, o jornalismo só se dignificou. Ainda que, às vêzes, martirizado pelos problemas economicos, mantinha-se sempre de atitude erecta, vertical. Foi durante vários anos presidente da Academia Paulista de Letras, cujo renascimento nêle encontrou o pioneiro maior.

Amadeu Amaral que se evidencia sutil e minucioso na psicologia individual e social do "Memorial de um passageiro de bonde", Amadeu Amaral, que em conferencias magistrais analisara as grandes personalidades de Dante, de Camões, de Raimundo Correia e que escrevera trabalhos magnificos sobre: "Cuidar da Infância", "Campanha do voto secreto" e "Liberdade", candidata-se certa vez a deutado estadual. Foi derrotado. Era leal, elegante demais! Jamais confundia a palavra "adversário" com a de "inimigo". Nunca tave inimgos. Monteiro Lobato às vêzes o chamava de Santo Amadeu alegando: "Quando olho para o passado e relembro as figuras de meu caminho, Amadeu avulta como um ser à parte, que me bole na corda do respeito venerativo. Os outros, formam um grupo. Mas Amadeu está de lado. Está só!"

Diz Otacílio Gomes, autor dos "Filhos da Candinha", que dos traços fisionômicos de Amadeu Amaral, o que mais o impressionara era a doçura dos seus olhos azuis e serenos. Era alto e suave. Havia nêle tanta bondade, tanta lhaneza!

Antes de ser professor e diretor do Ginásio "Moura Santos", havia sido funcionario na Secretaria da Justiça e na Recebedoria de Rendas, na capital paulista e na Recebedoria de Impostos sobre a Renda, no Rio de Janeiro.

Há vinte anos! Numa tarde triste e melancólica de Outubro, morria, no dizer de Silveira Peixoto, parafraseando Alvares de Azevedo "um grande poeta que sonhou muito e amou a todos os que dêle se aproximaram!"

Há vinte anos! Homens assim, no cenceito de Clemenceau, deveriam ser enterrados de pé; a morte fisica não os vence. E nêstes dias que correm em que as agências telegráficas difundem fria e calculadamente o ódio entre os povos o verso:

"A vida é curta e não vale a pena ter ódios" merecia ser proclamado a todo instante

Homens como Amadeu Amaral são paradigmas da humanidade!

Amadeu Amaral

Jornalista, poeta, critico, ensaista, orador e folclorista, Amadeu Amaral ilustrou com esplendor inexcedivel todos os setores onde, na ansia incessante de aprimorar e ampliar as conquistas do espírito, jornadeou, luminoso e o labor quotidiano de uma longa carreira que ao culto das letras toda devotou e neste culto exclusivo, obsidente toda ela se consumiu sem quebrar jamais através das vicissitudes de uma vida austera e afanosa, a serena verticalidade de sua admiravel filosofia de vida.

Amadeu Amaral erigiu a poesia em cátedra iluminada para os mais puros e elevados ensinamentos morais e civicos. Se nos seus versos cantou amor e sofreu — na tribuna, na imprensa e no livro lutou, fulgiu e venceu. E porque soube viver em perene comunhão com a "beleza, os herois, os abismos e os astros" realizou o sublime milagre de gravar nas pétalas imarcessíveis da "ultima flôr do Lácio" o perpétuo esplendor das coisas transitórias.

Amadeu Amaral comparece como símbolo e vem impor-se como exemplo. Símbolo porque nesta tremenda apostasia de caracteres, nesta desolação de vontade pusilânimes, neste tumultuar de mesquinhos interesses, a figura bondosa de Amadeu Amarau saiu do olvido em que esteve para voltar com o seu caracter sem jaça e a pureza do seu coração a lembrar o que sua vida e os seus escritos sempre atestaram: amor.

Exemplo porque neste entrechoque de credos e doutrinas em que não raro se conspurnam os degraus do altar da pátria, êle fez de sua vida um apostolado de civismo, e tanto no lar como na imprensa foi sempre o mesmo homem de conciência ilibada de quem se pode dizer: "Ele foi um Justo — teve o talento, o coração e a cultura sempre a serviço da Pátria".

ALTINO ARANTES

Bibliografia de Amadeu Amaral

1899 — "Urzes", (versos), São Paulo.
1910 — "Névoa", (versos) Editôra Livraria Magalhães S. Paulo.
1917 — "Espumas", (versos) Edição d'"A Cigarra". S. Paulo.
1919 — "Discurso que pronunciou ao ser recebido na Academia Brasileira de Letras", Oficinas da secção de obras d'"O Estado de São Paulo".
1920 — "A pulseira de ferro" (novela), Sociedade Editora Olegário Ribeiro, S. Paulo.
1920 — (Letras floridas", (conferências literárias) Leite Ribeiro e Maurilo, Editoras, Rio.
1920 — "Um soneto de Bilac", (conferência realizada em Jaú, no Jaú Clube, em 25 de agôsto de 1920). Edição do Jaú Clube.
1920 — "O dialeto caipira" (S. Paulo), Gramática, vocabulário, Casa Editôra "O Livro", S. Paulo.
1921 — "Cuidar da infância!" (conferência lida em Ribeirão Preto, a 25 de dezembro de 1920. Secção de obras d'"O Estado de S. Paulo".
1921 — "Dante", (duas conferências) Sociedade Editôra Olegário Ribeiro, S. Paulo.
1921 — "A poesia da viola", (folclore paulista), Sociedade da Editôra Olegário Ribeiro, S. Paulo.
1924 — "Lâmpada Antiga", (Carta de guia de meus filhos e Um punhado de sonetos) versos, Imprensa Metodista, S. Paulo.
1924 — "Luís de Camões", (Sua época, sua vida e caráter, sua formação. A vitalidade e a atualidade da sua obra), Edição da Revista de Língua Portuguesa, Rio.
1924 — "O elogio da mediocridade), (Estudos e notas de literatura), Emprêsa Editôra "Nova Era", S. Paulo.
1929 — "As promessas do escotismo", (conferência realizada em São Paulo, no Salão Lira, em 9 de abril de 1916), Oficinas Gráficas do "Jornal do Brasil", Rio.
1938 — "Memorial de um passageiro de bonde" — (Por Felicio Trancoso) Edições Cultura Brasileira S. A. São Paulo, obra póstuma.

AMADEU AMARAL

1 — **Nascimento, vida e morte:** — Amadeu Amaral, ou melhor, Amadeu Ataliba Arruda Amaral Leite Penteado, nasceu a 6 de novembro de 1875, no municipio de Monte-Mor, Estado de São Paulo, na fazenda de São Simão que, ainda em 1938, pertencia à Compagnie Sucrerie Françaises. São Simão que era de seu pai e fôra de seu avô, ficava entre Capivari e Monte-Mor: — daí a dúvida sôbre o local do nascimento do poeta.

A questão já está dirimida. A fazenda pertenceu quase sempre a Capivari. Mas, de 1871 a 1878, no tempo, portanto, do seu nascimento, ficava no municipio de Monte-Mor. Só após aquela data é que reverteu a Capivari.

O certo é que Amadeu sempre se considerou capivariano. E intransigentemente. E' que Monte-Mór tinha antes, o nome de A'gua Choca e Amadeu, o único dos irmãos que nascera na fazenda — segundo a suposição de Amadeu Amaral Júnior, havia de sofrer, como é uso em nossa infancia brasileira, a caceteação dos outros: — "Olhe o A'gua Choca, olhe o àguachoquense!" Por isto, e por seu extremo horror ao ridiculo, é que, mais tarde, o poeta veio a desprezar a Menotti del Picchia e à sua obra, desde quando êste escreveu um artigo onde dizia que Amadeu não era poeta de Capivari, mas poeta de A'gua Choca. Nesta ocasião, Amadeu se candidatara, independente e avulsamente, a deputado, e Menotti pertencia ao Partido Republicano Paulista: — a alusão visava fim político.

Era filho de João de Arruda Leite Penteado e Da. Maria Carolina de Arruda Leite Penteado. Teve, como irmãos, a José de Arruda Leite, Maria Elisa de Arruda Leite, Nicanor Penteado, já falecidos; o único sobrevivente dêles é João Arruda. O sobrenome Amaral, Amadeu tomou de uma de suas avós, que o usava. Aliás, seus pais eram primos-irmãos e as duas avós eram irmãs Amaral.

João de Arruda Leite Penteado foi fazendeiro e depois dono de um semanário, a "Gazeta de Capivari". Segundo Rubens do Amaral, possuiu também um jornal em S. Carlos que existia, já por novembro de 1889, por ocasião, portanto, da proclamação da Republica. Dirigiu, ainda, o diário "Lavoura e Comércio", da cidade de São Paulo, e exerceu com certeza outras funções jornalisticas, desconhecidas de Rubens. No "Lavoura e Comércio", perdeu o que possuia; na verdade, nunca fôra completamente rico: — sempre e sempre um afeiçoado e sacrificado da imprensa. Amadeu herdou, dêle, a veia jornalistica.

Da. Maria Carolina, a mãe, verdadeiro tipo de alemã ou holandêsa, era serena, de "ar meio longínquo", ótima dona de casa, doceira exímia. O filho puxou à mãe, no físico, na calma e no alheamento.

x x x

Em Capivari foi que Amadeu passou a infancia e fêz o curso primário.

No ano de 1886, com onze anos, veio para São Paulo, em companhia de João, o irmão mais moço, não só para estudar mas trabalhar. Foi menino de recados da firma Lion & Cia.. Segundo Silveira Peixoto, estêve no antigo curso anexo da Faculdade de Direito de São Paulo, que abandonou, ingressando no jornalismo.

Não teve, portanto, curso secundário completo, nem chegou a doutor. Nada disto, porém, ao autodidata severo pesava. Mas sempre estranhou, calorosamente, que se cerceassem tôdas as possibilidades aos não portadores de canudos oficiais. E nisto pensava bem!

Há, entretanto, um fato, ocorrido na família de Amadeu, e que merece relato. Logo que veio a República, Amadeu, que era republicano, filho de republicano ardoroso, se apressou a escrever uma cartinha para a mãe, satisfeitíssimo. E seja pela notícia de Amadeu, ou por outra via, o certo é que o pai resolveu tirar um número especial do seu jornalzinho: — êle e o filho mais velho, José. No alvorôço do trabalho, José desastrou-se: — perdeu, na máquina, "a ponta de quatro dedos da mão direita".

Amadeu Amaral Júnior diz que isto aconteceu no tempo da "Gazeta de Capivari". Já vimos Rubens ter afirmado que o pai possuia, nesse tempo, um jornal em São Carlos. Onde ocorreu tal desastre? Em Capivari, em São Carlos? Não importa. O que importa é que o pai, o irmão e Amadeu eram republicanos, e pela República a família sofreu.

Iniciou-se pelo "Correio Paulistano". Trabalha, após, em vários jornais, para fixar-se n'"O Estado de São Paulo", em 1910. Antes, em 1905, fôra oficial de gabinete do Dr. Antônio de Godói, nesse tempo chefe de polícia de S. Paulo. Trabalhou, também, na Secretaria da Justiça de São Paulo.

Em 1922, vai para o Rio de Janeiro, como secretário da "Gazeta de Noticias". Mantém, de lá, seu lugar n'"O Estado", enviando, quase que todo dias, os "Bilhetes do Rio", coleção que ainda espera editor. Desentende-se, porém, com Wladimir Bernardes que, nesse tempo, era o diretor-proprietário da "Gazeta". Deixando o cargo, ficam, êle e a família, apenas com o ordenado d'"O Estado", reduzido para quatrocentos mil réis e mais o "jeton" acadêmico, pois que entrara na Academia, em 1919. Tem, porém, um protetor atento em Artur Bernardes: — ofereceu-lhe um cargo, na Diretoria do Impôsto sôbre a Renda que, naquela época, se organizava. Amadeu aceita e nesse pôsto passa a trabalhar, no Rio e em São Paulo. Sobrevém o govêrno de Washington Luiz, adversário político de Amadeu: — daí a remoção de São Paulo, para uma de duas cidades: — Belo Horizonte ou Pôrto Alegre. Amadeu optou por... nenhuma. Desiste do impôsto, e fica em São Paulo, cidade dileta.

Após isto, Amadeu obteve, por intermédio de Sud Mennucci, um lugar de diretor, no Ginásio Moura Santos, de Sud e Máximo de Moura Santos. Lá, não só foi diretor, como professor de português. Isto, por 1927-1928. Neste último ano, entrou para o "Diário da Noite". No ano seguinte, sobreveio-lhe a morte.

x x x

Amadeu morreu às 11 horas do dia 24 de outubro de 1929, na cidade de São Paulo, rua Bela Cintra, n.o 309. Morreu serenamente, após dois meses de padecimentos, vitimado pela febre tifóide.

Morreu serenamente pobre: — seu sepultamento, última homenagem ao grande poeta, correu por conta dos seus amigos Assis e Osvaldo Chateaubriand. E' que Amadeu, ao morrer, era, não só redator-chefe do "Diário da Noite", como presidente da S.A. "Diário de São Paulo".

Jaz no Cemitério São Paulo, da Capital, longe de sua espôsa, Da. Ercília Vaz do Amaral, falecida em 1934. Estamos de acôrdo com Amadeu Amaral Júnior, quando lembra àquêles que pretendem homenagear ao grande cantor paulista, a necessidade de reunir, num só jazigo os ossos de ambos.

Deixou quatro filhos: — Maria, Ziza, Iolanda e Amadeu Amaral Júnior, êste, nome já respeitável de nossas letras, falecido em 1944. E' a êles que o poeta dedica, na LAMPADA ANTIGA, a "Carta de guia de meus filhos" que abre assim:

"Ave canora, lépida Maria;
Ziza, serena flor de meu
(rosal;
Iola, anfôra de graça e de
(alegria:
Dedeu, meu bom rapaz, doce e leal:"

2 — **Jornalismo:** — Amadeu amanheceu no jornalismo. De tenra idade, já havia de ajudar o pai na elaboração da "Gazeta de Capivari". E esta infancia jornalística deixou marcas fundas no seu espirito, a ponto de, quando homem, fundar dois jornais infantis: — um, na mocidade, quando morava em São Carlos do Pinhal, de nome "O Pequeno Polegar"; outro, o "Malasartes", em São Paulo, um dos seus derradeiros empreendimentos. Curioso é notar que "Malasartes", além de ser quase todo da redação de Amadeu, era também ilustrado por êle que, entre as suas artes, contava o desenho e a pintura, havendo, mesmo, deixado alguns quadros. "Malasartes" teve apenas cinco números, coleção preciosa, guardada carinhosamente pela família.

Seu primeiro jornal, em S. Paulo, foi o "Correio Paulistano", no tempo de Antônio de Godói e Alberto Sousa. Isto, por volta de 1905.

Pertenceu, depois, à redação d'"A Platéia".

Foi redator do "São Paulo" (fase primitiva), onde chegou — segundo a suposição de Rubens do Amaral — a secretário de redação. Trabalhou, já, com Duarte de Azevedo e Brasílio Machado.

No ano de 1908, vivia em S. Carlos, onde tinha um colégio e era diretor do "Correio de São Carlos". Nos fins de 1908, ou principios de 1909, veio para cá, feito redator do "Comércio de São Paulo", cujo diretor era, nesse ano, Luiz Silveira. Começou aí a carreira civilista, antes que São Paulo tomasse a Rui Barbosa como seu candidato: — e nisso foi um pioneiro. Abandonou, porém, o "Comércio", quando êste foi comprado por elementos pertencentes ao grupo glicerista, Cardoso de Almeida e outros.

Em 1910, fixa-se na redação d'"O Estado de São Paulo", de onde passou, em 1922, para a "Gazeta de Notícias", no Rio.

Foi, ainda, sem deixar por completo "O Estado", diretor do "Diário Nacional", no tempo do seu lançamento como órgão do Partido Democrático de São Paulo, cargo que abandonou por não poder satisfazer a um agrupamento desigual, em que uns o acusavam de revolucionário excessivo e outros, de conservantista moderado.

No final de 1928, quando Rubens do Amarpal deixou o "Diário da Noite", para iniciar o "Diário de São Paulo", Amadeu ficou em seu lugar. Aí, foi redator-chefe e redigiu o artigo de fundo, até o dia 6 de agôsto de 1929, quando caiu doente, de morte.

3 — **Literatura:** — Amadeu publicou, de 1899 a 1929, quinze obras, em verso e prosa. Tem dezesseis publicadas, contando-se o "Memorial de um passageiro de bonde", póstuma.

Quando entrou na Academia, em 1919, e pronunciou seu "Discurso", contava apenas três livros de versos: — "Urzes", "Névoa" e "Espumas".

Em 1920, lança quatro obras: — uma novela, dois livros de conferências, um estudo linguístico.

Em 1921, três: — uma conferência sôbre assistência à infancia, outra sôbre Dante, outra ainda, sôbre folclore.

Em 1924, três: — uma de versos, um trabalho sôbre Camões, um livro de estudos de literatura.

Em 1929, aparece uma conferência sôbre o escotismo.

Portanto, Amadeu trabalhou sériamente, após haver ingressado na Academia Brasileira de Letras.

x x x

Agora, uma ou outra nota sôbre suas obras:

O poeta não gostava de "Urzes", seu primeiro livro de versos.

"Névoa" devia chamar-se "Heptacórdio", conteria sete partes, foi datilografado por Arnaldo Simões Pinto (falecido de gripe em 1918, o maior amigo de Amadeu), e teve o seu original perdido. Amadeu não queria reproduzi-lo, mesmo a instancias do seu grande amigo. Por sorte, foi encontrado, caído, atras de uma gaveta da escrivaninha do poeta. Assim, "Névoa" tornou a existir.

O poeta sempre ligou pouca importancia à obra: — daí, o fato de ela se achar esgotada, e de Amadeu haver-se recusado a editar "Espumas"; não deu, mesmo, consentimento a alguns estudantes de Direito que queriam publicá-las por sua própria conta.

A única novela de Amadeu, "A pulseira de ferro", tem uma tradução castelhana, feita por Benjamin Garay para o jornal "La Nacion", publicação que rendeu ao novelista algumas centenas de pesos.

O livro em que Amadeu desprende tôda a sua cultura, tôda a sua erudição literária, e "Letras floridas". Lá é que está a célebre conferência sôbre Raimundo Correia, poeta com o qual o autor apresentava muitos pontos de contacto, de estesia e de técnica.

Parecerá pasmoso que a conferência "Um soneto de Bilac", verdadeira jôia de análise crítica, tenha sido redigida em poucas horas, estando o poeta desprovido de recursos bibliográficos. Mas, foi. E foi assim: — Amadeu foi a Jaú, a convite de amigos; após o almôço num hotel, êstes lhe perguntaram se êle já estava disposto a ir para o clube, onde falaria sôbre Bilac. Como! se êle de nada sabia! Daí, a improvisão de poucas horas e de extraordinário efeito.

Com "O dialeto caipira", obra clássica da nossa dialetologia, Amadeu abriu, no Brasil, de maneira magistral, esta especialidade.

A conferência "Cuidar da infancia!" revela o jornalista e o educador atilado, ventilando, já em 1920, assuntos da maior atualidade ainda hoje; o mesmo podemos dizer d'"As promessas do escotismo", conferência feita em 1916.

"Dante" e "Luís de Camões" são obras que demonstram, em Amadeu, não só coragem crítica, pela fato de abordar a dois gênios, como o quanto estava o poeta aparelhado, mesmo autodidàticamente, para tal emprêsa. Esfôrço que, no Brasil, bem poucos lograram e lograrão vencer.

Folclorista atuante na região de São Paulo, Amadeu seguia, mais ou menos, a escola exegética de João Ribeiro, dando-nos, assim, um livrinho precioso: — "A poesia da viola".

O seu último livro de versos, "Lampada antiga", teve má sorte: — conforme Amadeu Amaral Júnior, o editor faliu, antes que êle saísse. Apenas alguns exemplares foram postos à venda: — daí a sua raridade, no mercado livreiro.

"O elogio da mediocridade", obra extremamente conhecida, de arguto crítico, de tersa prosa, tem feito, com certeza, que muitos prefiram o prosador ao poeta.

Amadeu também tinha o seu lado alegre, chocarreiro, irônico. Esta face do seu talento está no "Memorial de um passageiro de bonde", comentários amáveis, à margem de cousas paulistas, que "O Estado" publicou, antes, em folhetins.

x x x

Além de jornalista, Amadeu foi poeta, conferencista, novelista, crítico literário, dialetologista, folclorista e moralista. Sua obra, em 16 volumes do mais variado formato e tomo, poderia, numa edição completa, reduzir-se a sete volumes, mais ou menos homogêneos no número de páginas, se fôsse assim distribuída:

— I POESIA: — "Urzes", "Névoa", "Espumas", "Lampada antiga".

II — CRITICA: — (Livro de Bilac): — "Discurso que pronunciou ao ser recebido na Academia Brasileira de Letras", "Um sonêto de Bilac" e o estudo "Olavo Bilac" que está n'"O elogio da mediocridade".

III — CRITICA: — "Letras floridas", onde se incluiria a conferência "Cuidar da infancia!", do mesmo tipo de outra, "As promessas do escotismo" já publicada pelo poeta, nas mesmas "Letras floridas".

IV — CRITICA: — "Dante" e "Luiz de Camões".

V — CRITICA: — "O elogio da mediocridade".

VI — DIALETOLOGIA e FOLCLORE: — "O dialeto caipira" e "A poesia da viola".

VII — FICCAO: — "A pulseira de ferro" e o "Memorial de um passageiro de bonde".

Esta obra admirável e esgotada espera o seu reeditor.

4 — **Nas Academias:** — Pertenceu a duas Academias.

Na Academia Paulista de Letras, fundada a 5 de setembro de 1909, ocupou a cadeira n.o 33, como fundador, tendo como patrono a Teófilo Dias e como sucessor a Altino Arantes.

A Academia Paulista, após um período ativo, decaiu por mais de doze anos. Amadeu ressuscitou-a, ajudado de um grupo de acadêmicos e, como presidente dedicado, abrindo-lhe a nova fase que se manteve pelo esfôrço de seus sucessores, Alcantara Machado e Altino Arantes.

Na Academia Brasileira, ocupou a cadeira n.o 15, patrono Gonçalves Dias, fundador Olavo Bilac. Foi sucessor de Bilac e seguido, após sua morte, por Guilherme de Almeida. Ocupou, portanto, uma cadeira exclusivamente poética, da mais forte poesia brasileira; e não deixa de ser curioso, nas duas Academias, teve como patronos, ao sobrinho e ao tio: — Teófilo e Gonçalves Dias.

Sua eleição se deu a 7 de

(Continua na 12.a página)